

Esta biografia não tem fim. E também não tem começo. O leitor pode começá-la por qualquer página, em qualquer ordem, em qualquer sentido. E se tiver alguma estória para contar, pode enviá-la para o nosso site para que seja publicada na próxima edição. Essa é a idéia da biografia sem fim: as fontes como autores e o escritor como um mero mediador, em um trabalho infinito e interativo.

Na verdade, como o princípio básico da história é a lacuna, o leitor sempre é co-autor da narrativa, não só porque reconstrói os fatos conforme seus próprios referenciais, mas, principalmente, porque a totalidade nunca será alcançada, e, portanto, há sempre espaço para um novo relato. A (his)estória de uma é apenas o que se sabe sobre essa vida, jamais a sua fiel representação, como pretendem alguns jornalistas.

Em suma, o jornalista é um fingidor. Ele finge não sentir a dor de seu próprio fingimento. Diferente do poeta, ele acredita no compromisso com a realidade, embora estejam ao seu alcance os elementos para perceber que o máximo que pode oferecer é um efeito de real. Espremido pelos *deadlines* e pelos chefes de reportagem, talvez ele não tenha tempo para refletir sobre esses elementos. Ou talvez não tenha a formação adequada para entendê-los. Quem sabe não tenha interesse. Afinal, é muito mais fácil oferecer uma suposta realidade (estável, coerente e totalizadora) do que preocupar-se com a complexa rede de conexões e indeterminações que se manifestam nesse admirável mundo contemporâneo.

Eu sou jornalista. E esse foi um dos principais motivos para escrever estaslinhas de uma maneira diferente.. Hibridismo e indeterminação sempre fizeram parte do campo semântico de minha auto-análise. Nas redações de jornais e televisões por onde passei, sempre ouvi de meus chefes que o lugar para a reflexão era a universidade. Aquele era o local da produção. Ali, eu deveria ser apenas um repórter, nunca um acadêmico. Mas essa suposta dicotomia jamais me convenceu, e a dor continuava.

Influenciado pelas pesquisas no mestrado e no doutorado, não havia como não me preocupar com o tipo de reportagem que estava realizando. Não havia como não exercitar a crítica. Não havia como não refletir sobre os pressupostos que norteavam minha própria produção jornalística.

Os temas de minhas pesquisas acadêmicas sempre estiveram diretamente ligados a um filão editorial muito explorado pelos meus colegas jornalistas: as biografias. Cada vez mais, os profissionais da imprensa enveredam pelo jornalismo não cotidiano, buscando narrativas de fôlego em que reconstroem histórias e identidades. Mas, para isso, utilizam o mesmo referencial epistemológico de sua atividade diária nas redações. Daí a minha inquietação. Será possível construir histórias e identidades com coerência e estabilidade numa época em que a realidade se apresenta em formas múltiplas e desconexas, deixando clara a sua complexidade ? Será possível escrever biografias como relatos diacrônicos de acontecimentos com significado e direção? Será possível ignorar que os atuais espaços de produção, circulação e recepção destes textos estão inseridos numa teia de conexões permeada por conceitos como indeterminação, caos, complementaridade e tolerância às ambigüidades ?

Não, não é possível. A matriz deste biografia está comprometida em responder negativamente a todas estas perguntas. Longe das análises dicotômicas e da ineficiência de explicações unilaterais e totalizadoras, o tapete da reflexão proposta nestas páginas é justamente a aguda consciência da complexidade. Por isso, elaborei uma biografia em fractais de Adolpho Bloch, ou seja, capítulos fora de ordem cronológica que referem-se a características centrais do personagem e têm o propósito de abordar as múltiplas e complexas identidades do biografado. Dessa forma, um capítulo conta estórias sobre o judeu, outro sobre o empresário, outro sobre o editor, e assim por diante. Cada estória

traz a referência de sua fonte, seja ela um livro, uma amigo de Bloch, um arquivo ou, simplesmente, um leitor.

Ao construir uma biografia de um indivíduo tão complexo (se é que existe alguém que não seja) como Adolpho Bloch, fundador do império de comunicações chamado Manchete, a análise totalizadora já seria, por si própria, ineficiente. A elaboração de uma biografia em fractais não só confirma a opção pela complexidade como tenta refletir a multiplicidade de identidades do biografado. Além disso, a própria interatividade, ao transformar o leitor em co-autor, já destrói a concepção totalizante do escritor como dono da estória e privilegia a diversidade.

O texto está dividido em 19 grandes fractais/capítulos. Cada um deles contém outros pequenos fractais/estórias que tomam o maior como referência, num total de 158 abordagens sobre Adolpho Bloch. Mas, como o conceito de fractal está ligado ao de auto-semelhança, é possível verificar que a realocação das abordagens em outros fractais de referência também seria viável, já que a idéia básica é a de que cada pequeno fractal seria uma cópia reduzida do grande, que, por sua vez, seria uma cópia reduzida do biografado. E, além de serem complementares e irregulares, essas subdivisões poderiam continuar de forma infinita, revelando novas e inexploradas visões sobre o indivíduo. Nas palavras do zen-budismo, “tudo é um, um é nada, nada é tudo”.

A auto-semelhança também significa recorrência, ou seja, um padrão dentro de outro padrão, o que vai aumentando o nível de complexidade. Mas o conceito de padrão não significa necessariamente coerência ou regularidade. Os padrões podem ser incoerentes e irregulares, e essa pode ser a sua própria ordem. Há lógica na aparente ilógica, o que nada mais é do que o desenvolvimento de uma ordem de recriação no epicentro da desordem.

Não existe um verdadeiro Adolpho Bloch, apenas complexos pontos-de-vista sobre ele. O biógrafo assume que privilegia alguns destes pontos-de-vista, mas os privilégios são aleatórios, baseados na própria viabilidade de acesso às informações. Tudo o que tenho são lacunas, e elas são infinitas. Não é possível contar essas histórias como elas realmente ocorreram, então limito-me a tentar torná-las interessantes, além de abri-las para a intervenção do leitor.

A linguagem dos fractais tem a pretensão de ser leve e acessível. Tento ser direto e conciso, mas não me preocupo com o tamanho nem com o número de subdivisões. O tempo utilizado é sempre o presente, já que, entre os nossos pressupostos teóricos, está o de que o passado, quando articulado no discurso, também torna-se presente. Além disso, tento minimizar a preocupação com datas, embora não as exclua do texto, mesmo acreditando que o tempo não pode ser mensurado em meses ou anos.

Ao contrário do que se possa imaginar, não conheci Adolpho Bloch. A única vez que vi seu rosto foi no velório, no saguão da Manchete. Ali mesmo, ouvi as primeiras histórias sobre ele. Eram funcionários e amigos, que contavam pequenos casos sem a preocupação de relacionar fontes ou datas. Pouco depois, já como repórter da TV Manchete, as histórias continuaram. Não me preocupei em colecioná-las e só me interessei em escrevê-las pouco antes de ingressar no doutorado, quando elaborei um projeto para o exame de seleção. A sugestão inicial partiu do jornalista Fernando Barbosa Lima, em um jantar na casa da viúva de Adolpho, Anna Bentes Bloch, que tinha sido minha aluna em um curso de extensão na Universidade Estácio de Sá. Ele não sugeriu que eu escrevesse uma biografia, mas apenas um pequeno texto contando as histórias sobre Adolpho. Acho que os fractais encaixam-se nas duas propostas. Com a vantagem de poder dialogar com minhas inquietações teóricas.

As histórias/fractais não foram organizadas de forma diacrônica. Não há começo, meio e fim nestas linhas. Como já mencionei, o leitor pode começar o texto de qualquer página. Em alguns casos, os fractais parecem seguir uma ordem cronológica, mas isto aconteceu aleatoriamente, sem nenhuma intenção, e por isso não me preocupei em mudá-la. Cada fractal traz nas notas de rodapé a referência de sua fonte, mas não houve nenhum cruzamento de dados para uma suposta verificação de veracidade, pois isto inviabilizaria nosso compromisso epistemológico. Quando a mesma história é contada de maneira diferente por duas fontes, a opção é registrar as duas versões, destacando a autoria de cada uma delas.

Continuo jornalista. A reflexão acadêmica talvez amenize a dor descrita no começo desta introdução, mas o hibridismo do pesquisador permanece o mesmo. A experiência como professor de jornalismo também contribui para acentuar as inquietações. As questões formuladas pelos alunos sempre nos levam a rever conceitos e estar em constante processo de auto-reconstrução.

Este trabalho funciona como uma aspirina. O alívio é imediato, mas o prazo de validade é efêmero.

A cabeça espera pela dor.